

Narrativas jornalísticas em redes sociais: os perfis indígenas no Instagram¹

Karine Tavares Nunes²

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Universidade Federal do Amazonas – UFAM

RESUMO

Resistência, visibilidade e mobilização política são os eixos que caracterizam a produção das narrativas indígenas nas redes sociais online. Na produção de conteúdo para esses meios, aplicam-se práticas jornalísticas, sejam fundamentadas em aspectos teóricos-metodológicos do jornalismo, seja de forma intuitiva. Ressalta-se, nesse sentido, o jornalismo como forma social do conhecimento, com potencial para fortalecer causas indígenas e orientar o enfrentamento às estruturas hegemônicas que mantêm estigmas sobre essas populações e legitimam ataques coordenados, incluindo desinformação e discurso de ódio. Diante do exposto, este artigo verifica as narrativas jornalísticas produzidas por perfis indígenas no Instagram. A partir de uma abordagem qualitativa, este estudo está ancorado na metodologia da Análise Crítica da Narrativa (Motta, 2013).

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Povos indígenas; Análise de narrativas; Instagram.

“Para os europeus, é o ano [1492] surpreendente do descobrimento de um mundo novo. Já para os povos americanos, é o começo de um holocausto” (Souza, 2019, p.19). A assertiva descreve a ocupação territorial brasileira, mas também marca aspectos sociais que influenciam a contemporaneidade. Na Amazônia, por exemplo, onde habita a maior concentração de populações indígenas em situação de isolamento no mundo (IPAM, 2023), verificam-se ameaças históricas de extermínio desde o início do processo de colonização do Brasil.

Ao enfatizarmos a situação dos povos indígenas, notamos como episódios de exploração, segmentação e preconceito, ainda vividos por eles atualmente, denunciam a falsa democracia racial, que enaltece a diversidade étnica no país sem reconhecer o pluralismo cultural que forma a sociedade brasileira (Suchanek, 2012). Por conseguinte, as problemáticas a respeito da formação dessa sociedade, com a negação da herança colonial que impacta as

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestra em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da (PPGCOM da Universidade Estadual Paulista (PPGCOM-UNESP), Doutoranda em Jornalismo pelo Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJOR-UFSC) e Professora Visitante no curso de Graduação em Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas (ICSEZ-UFAM).

Email: karine_nunes@live.com

relações sociais, refletem a exclusão e o apagamento das etnias indígenas das agendas públicas nacionais e, na esfera comunicacional, da sociedade.

Como consequência, reproduzem-se narrativas que se configuram de forma superficial sobre a região e que, em concordância com a perspectiva histórica de minorizar e excluir determinados grupos sociais das ações que lhes garantem direitos, desorganizam (ou organizam interesseiramente) o ecossistema informacional. A informação noticiosa, nesse contexto, é capturada pelo poder hegemônico, um artifício que opera em camadas de desinformação e discurso de ódio contra os povos indígenas.

Sublinhada a desinformação em torno de causas sociais indígenas, é notória a organização de grupos que operam em redes de desinformação para desestabilizar lutas sociais históricas e deslegitimar iniciativas que atuam em defesa desses movimentos. Em abril de 2022, por exemplo, o grupo *Meta* derrubou uma rede de desinformação sobre a Amazônia (Prazeres, 2022). O esquema, manipulado por militares do Exército Brasileiro, visava deslegitimar organizações não governamentais que atuam contra crimes ambientais e em defesa dos direitos indígenas. Entre os perfis retirados do ar na operação estão 14 usuários individuais e 9 páginas da plataforma *Facebook*, além de 39 contas do *Instagram*.

Ainda em 2022, quando a Amazônia esteve em destaque na disputa eleitoral no Brasil, foi registrado um alto número de páginas dedicadas a cobrir assuntos relacionados à região, entre elas, disseminadores de informações falsas e propagadoras de discurso de ódio. Ao todo, segundo levantamento feito pelo Intervozes (2023), especificamente de características altamente manipulatórias, foram identificados 70 perfis produtores/difusores de desinformação em redes sociais e páginas ou sites da internet. “O que as páginas difusoras propagam são ideais antidemocráticos repletos de ódio étnico, referindo-se aos indígenas com um amplo repertório de termos pejorativos e depreciativos” (p. 49), aponta o parecer dos pesquisadores.

Nesse repertório, estão a visão e a lógica expostas pelos relatos dos colonizadores do século XVI, que ainda são encontradas nos discursos e intenções da sociedade (Pereira, 2023, *online*). Vivo no imaginário da população majoritária brasileira, o sistema de tutela dos povos indígenas (Suchanek, 2012) é um exemplo da manutenção das estruturas da colonização, estabelecendo estereótipos (Lippmann, 2008) e estigmas sociais (Goffman, 1988).

Em “Concepção do ‘índio incapaz’ na sociedade”, conteúdo criado para a plataforma *YouTube*, Wari'u (2020, *online*) conta situações que lhe marcaram. Durante o período escolar, as crianças e professores “tinham medo” e também se surpreendiam com seu desempenho nas atividades. “Como um indígena poderia fazer aquilo?”, descreve as reações que ouviu. O olhar de inferiorização, ressalta o indígena, o fez entender que precisava “se esforçar 10 vezes para

ser visto como igual”. Na produção audiovisual, ele reforça necessidade de ocupação dos espaços públicos pelos povos indígenas.

Sobre isso, Pereira (2023, *online*) explica que:

A partir do século XX, os indígenas passaram a reivindicar seus papéis na criação de suas próprias narrativas, mostrando que a imagem e os mitos criados e disseminados não podiam ser tomados como realidade. Esse trabalho de criar novas narrativas ocorre ainda hoje, com as publicações de livros, o uso das redes sociais, a presença de indígenas em espaços de poder, dentro das universidades, nos coletivos e movimentos.

Compreende-se que, embora vigentes e amplamente difundidas, essas narrativas depreciativas estão sendo cada vez mais contestadas. Nas redes sociais online, o ativismo indígena tem ganhado notoriedade principalmente pelas possibilidades interativas, estratégicas e tecnológicas das plataformas atuais de comunicação.

Dispensados, por hora, os aparatos técnicos e estratégicos à vista da necessidade impostas pelas plataformas³, é relevante considerar o aspecto comunicacional quando se fala em redes sociais online. Amaral (2016, p. 100), por exemplo, define as redes sociais como “redes de comunicação que interligam indivíduos com laços comuns e potenciam uma estrutura dinâmica de relações interpessoais”. Nessa relação, a necessidade de os indivíduos estarem diretamente ligados é dispensável, sendo possível a associação em rede.

Recuero (2004, p. 3) também parte do valor interacional para estudar a estrutura das redes sociais. Segundo ela, esse é “primado fundamental do estabelecimento das relações sociais entre os agentes humanos, que originarão as redes sociais, tanto no mundo concreto, quanto no mundo virtual”. A partir desse princípio, pode-se inferir a consolidação de ações, movimentos e comunicações organizadas em prol de uma causa comum que transcende a imaterialidade da internet.

JORNALISMO, CONTEÚDO INDÍGENA NO INSTAGRAM E A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

Para o desenvolvimento dessa síntese analítica, aplicam-se duas perspectivas teóricas-metodológicas principais: o Enquadramento ou Frame Analysis (Goffman, 1974; Entman, 1993) e a Análise Crítica da Narrativa (Motta, 2013). Essa interdisciplinaridade permite uma

³ Durante o processo de investigação a interdisciplinaridade entre jornalismo e estudos das mídias digitais, sobretudo das redes sociais, se fará necessário.

visão micro e macro das narrativas produzidas nos perfis. Ambas também podem ser complementares no processo de aproximação das práticas jornalísticas, que envolvem escolhas específicas de elementos narrativos.

Por meio do Enquadramento (Goffman, 1974; Entman, 1993), serão observados os quadros dominantes nas narrativas, o que inclui as temáticas noticiadas e a organização dessas informações quanto aos aspectos da realidade social, atores envolvidos, denúncias contra ações hegemônicas (se presente nos conteúdos). Com a Análise Crítica da Narrativa (Motta, 2013), acrescenta-se a análise discursiva para investigar as histórias contadas nos perfis indígenas. Isso implica na identificação de elementos referentes ao ponto de vista histórico de formação (sobretudo de tentativa de extinção) dessas populações, a construção de uma identidade coletiva, expressão de resistências e unidade de mobilização de causas coletivas.

Vale ressaltar os desafios impostos ao campo da comunicação com a popularização das interações em redes online. O excesso de informações, movido pela imediatidade e aceleração das conexões virtuais, tem afetado a confiança em dados científicos. Sobre isso, convém reiterar a onda de infodemia durante a pandemia de Covid-19. Ocorre que, nessa ordem midiática, a “crise de confiabilidade nas instituições se alargou, bem como no jornalismo” (Winques, 2022, p.112). A autora ressalta que essa “crise estrutural” atinge os meios de comunicação, criando um ambiente midiático complexo que impacta a produção, a circulação e o consumo de notícias.

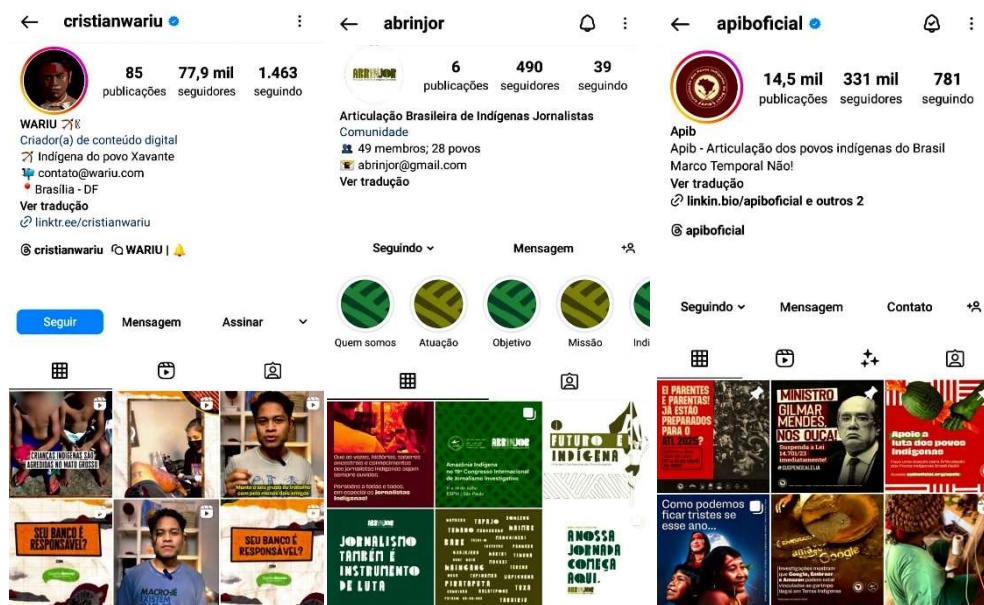
Refletindo sobre a textualidade da notícia, por exemplo, é importante avaliar a adaptabilidade do modelo tradicional às formas contemporâneas de produção e consumo de informações nas redes sociais, seja revisitando o modelo estruturado em forma de pirâmide invertida, seja por meio da possibilidade de construção da notícia sob dimensões singulares, particulares e universais (Genro Filho, 1996). Sem dúvida, a segmentação e os interesses dos públicos, delineados pela lógica e estratégias das redes digitais, exigem do jornalismo novos fundamentos de produção de conhecimento.

Para tanto, discussões teóricas, análises da produção de conteúdo nas redes sociais online e experimentações metodológicas são necessárias nesse processo. A título de exemplo, estudos recentes têm sido desenvolvidos com o objetivo de “compreender de que modo dois grandes veículos do país – o Estadão e a Folha de S.Paulo – se apropriam do TikTok para performar jornalisticamente” (Lindemann; Schuster; Belochio, 2022, p. 205). Nessa pesquisa, a linguagem jornalística para o aplicativo se torna um elemento importante de análise.

Luta por direitos territoriais, cultura e tradições indígenas, denúncias de violência e discriminação, empoderamento, educação, ativismo ambiental, reivindicação de políticas públicas e combate à desinformação. Esses são alguns dos tópicos abordados por perfis

indígenas no *Instagram*. Com exemplos dessa produção de conteúdo, pode-se observar os seguintes recortes da rede social:

Figura 1: Perfis que produzem conteúdo indígena no Instagram



Fonte: Editado pela autora

Nota-se no *feed* desses perfis como a informação ganha forma diversa a partir dos recursos que se têm nos meios de comunicação digital e dos fundamentos dominados por áreas de conhecimento, tais como a publicidade, a propaganda, as relações públicas e o jornalismo. Sobre este, em especial, pontua-se a relevância nesta investigação.

Com ressalvas à dinâmica mercadológica das redes sociais online, que submetem os produtores de conteúdo a lógicas algorítmicas desiguais para o impulsionamento de visibilidade e geração de engajamento, e de igual modo, com ressalvas ao caráter mercadológico realçado na trajetória do jornalismo, existem valores capazes de fortalecer a mobilização dos povos indígenas, historicamente sob ataque.

Diante do exposto, sob uma perspectiva social, enfatiza-se a análise da produção indígena no *Instagram* a partir de dois polos norteadores: as redes sociais *online* como possibilidade de conexão entre as pessoas e, por conseguinte, de organização coletiva e amplificação das vozes indígenas; e o jornalismo como forma social do conhecimento, de potencial revolucionário e transformador (Genro Filho, 1996). Por suposto, a teorização e aplicação metodológica nesse processo vislumbra pontual distanciamento do sentido romantizado. Isso porque almeja-se a reflexão sobre as práticas jornalísticas nas redes sociais

analisadas e a categorização de parâmetros que direcionem o gerenciamento de perfis indígenas na utilização do jornalismo como forma de comunicação nesses espaços.

A partir do ponto de vista do jornalismo como forma social de conhecimento (Genro Filho, 1996), o processo de cristalização do acontecimento pode orientar os sujeitos a experiências de transformação da sua realidade. “Historicamente condicionada pelo desenvolvimento do capitalismo, mas dotada de potencialidades que ultrapassam a mera funcionalidade a esse modo de produção” (Genro Filho, 1996, p. 6). É nesse sentido que o jornalismo surge com o princípio de promover debates públicos. Para tanto, os enquadramentos adotados no processo de apuração e elaboração do relato jornalístico direcionam o sentido de luta e resistência que o jornalismo pode exercer, sendo um aliado na comunicação indígena.

Socialmente, no sentido de mobilização política e ativismo, vale ressaltar o movimento de retomada das raízes culturais e históricas desses povos (Dorrico, 2023), movimento que ocupa os espaços físicos e virtuais da nossa sociedade. Por conseguinte, testemunhamos um processo de resistência que reivindica visibilidade por meio de esferas comunicacionais como as redes sociais digitais, o que conduz ao fortalecimento de causas que transcendem a fronteira da informação online. Direitos territoriais, meio ambiente e sustentabilidade, direitos humanos e justiça social, entre outras pautas, compõem esse repertório de reafirmação de identidade e de transformação das estruturas vigentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a intersecção entre os fundamentos do jornalismo e as narrativas indígenas no *Instagram*, tendo em vista as redes sociais como espaço de comunicação e mobilização, essa abordagem abre caminho para reflexões mais específicas sobre o campo jornalístico sob a dinâmica das interações sociais nos meios digitais e o posicionamento ativistas das populações indígenas nesses espaços. Assim, possibilita o estudo de questões relacionadas a como o jornalismo, em sua forma de produção de conhecimento, se articula com as narrativas indígenas em perfis no *Instagram*, e de que maneira as linguagens e formas de conteúdo utilizadas nas duas esferas contribuem para o fortalecimento das lutas indígenas.

A título de exemplo dessas possibilidades de estudos e intervenções de conhecimento, pode-se listar a identificação e compreensão do repertório jornalístico nas narrativas de perfis indígenas no *Instagram*; a análise da relação entre as recomendações da plataforma digital e as

práticas jornalísticas indígenas e, inclusive, o desenvolvimento de kit de mídia voltado à produção de conteúdo jornalístico para redes sociais indígenas.

Fazer aproximações entre os fundamentos tradicionais e estruturais do jornalismo e a produção de narrativas indígenas nas redes sociais pode, portanto, contribuir para a compreensão e aprimoramento das formas de produção de conteúdo jornalístico no contexto contemporâneo, especialmente a favor de causas sociais. Ressaltada a essência de transformação inerente ao jornalismo, ultrapassando a mera funcionalidade, pode-se, como resultado destes estudos, criar e fortalecer espaços e meios de reflexões e orientações para ações comunicativas que partam do exercício jornalístico.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Inês. Redes Sociais na Internet: Sociabilidades Emergentes. Print-on-demand. Covilhã, Portuga: Universidade da Beira Interior, 2016.

DORRICO, Trudruá. Tempo de retomada. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2023.

ENTMAN, Robert M. Framing: Toward clarification of a fractured paradigm. *Journal of Communication*, v. 43, n. 4, p. 51-58, 1993.

GENRO FILHO, Adelmo. O segredo da pirâmide - Para uma teoria marxista do jornalismo. *Revista da Fenaj*. Brasília, Fenaj. ano I, n.1. mai. 1996.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. Os (des)caminhos do meio ambiente. 14 Ed. São Paulo: Contexto, 2006. (Temas atuais).

INTERVOZES. Coletivo Brasil de Comunicação Social. Combate à desinformação sobre a Amazônia Legal e seus defensores. Relatório publicado em 25 de abril de 2023. Disponível em: <https://intervozes.org.br/wp-content/uploads/2023/04/INTERRelatorioICS-2.pdf>.

IPAM. Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia. Terras indígenas com povos isolados são as mais ameaçadas da Amazônia. 11 de janeiro de 2023.

LINDEMANN, Cristiane; SCHUSTER Patrícia Regina; BELOCHIO, Vivian. Em busca da performance jornalística no TikTok: análise do Estadão e da Folha de S.Paulo. In: *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 19, n. 1, jan./jun. 2022 - ISSN 1984-692.

LIPPMANN, Walter. Opinião Pública. Petrópolis: Vozes, 2008.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise crítica da narrativa 1. ed. Brasília: Editora da UnB, 2013.

PEREIRA, Julie. Desinformação na Amazônia retoma imaginário colonial sobre a floresta e os povos indígenas. *InfoAmazonia*: 12 abril 2023. Disponível em:

<https://infoamazonia.org/2023/04/12/desinformacao-na-amazonia-retoma-imaginariocolonial-sobre-a-floresta-e-os-povos-indigenas/>

PRAZERES, Leandro. Facebook derruba rede de desinformação sobre Amazônia operada por militares do Exército. BBC News Brasil, em 7 de abril de 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61030394>

RECUERO, Raquel. Teoria das redes e redes sociais na Internet: Considerações sobre o Orkut, os Weblogs e os Fotologs. Comunicação apresentada no IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da XXVII INTERCOM, Porto Alegre, Brasil, 2004.

SOUZA, Márcio. História da Amazônia: do período pré-colombiano aos desafios do século XXI / Márcio Souza. Rio de Janeiro: Record, 2019.

SUCHANEK, Márcia Gomes O. Povos Indígenas no Brasil: De Escravos à Tutelados. Uma Difícil Reconquista da Liberdade. Confluências, v. 12, n. 1. Niterói: PPGSD-UFF, outubro de 2012, pp 240-274. ISSN 1678-7145.

WINQUES, Kérley. Além da “bolha”: o papel das plataformas digitais na formação da opinião pública. In: Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 19, n. 1, jan./jun. 2022 - ISSN 1984-6924.

WARIU, Cristian. Concepção do ‘índio incapaz’ na sociedade. 2020. 12:21. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pzPgAkiKxbs>. Acesso em: 17 de dezembro de 2024.